



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**ENVELHECER : a plasticidade dos modos pelos quais a velhice pode ser  
concebida e vivenciada**

Autora:

**FERNANDA PINTO**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2009**

**FERNANDA PINTO**

**ENVELHECER: a plasticidade dos modos pelos quais a velhice pode ser concebida  
e vivenciada**

Trabalho apresentado na disciplina de  
Prática do Ensino de História, como  
exigência parcial para a conclusão da  
graduação de Licenciatura Plena em  
História.

Orientador:

Dr. Alarcon Agra do Ó

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2009**

**ENVELHECER: a plasticidade dos modos pelos quais a velhice pode ser concebida  
e vivenciada**

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_ Nota \_\_\_\_\_

Dr. Alarcon Agra do Ó - UFCG

(Presidente-Orientador)

\_\_\_\_\_ Nota \_\_\_\_\_

Ms<sup>o</sup> Carmen Verônica de A. R. Nóbrega- UFCG

(1<sup>o</sup>Examinador)

\_\_\_\_\_ Nota \_\_\_\_\_

Dra. Keyla Queiroz e Ramos Silva - UFCG

(2<sup>o</sup>Examinador)

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2009**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## SUMÁRIO

Introdução	8
Cap. 1	
O envelhecimento da população	12
O Estado e a proteção a velhice	19
Cap. 2	
A velhice imaginada e a velhice vivenciada	27
Envelhecer não é está sozinho	29
Considerações Finais	43
Referências Bibliográficas	

**Resumo:** O crescente aumento da população idosa no mundo tem vários motivadores que ultrapassam a simplificação da diminuição na taxa de mortalidade nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Esse fenômeno tem despertado a comunidade científica que também reflete essas mudanças no aumento da produção acerca das motivações e conseqüências dessa nova realidade global e consecutivamente brasileira. A partir da análise da revolução demográfica que tem ocorrido no Brasil e no mundo nos últimos anos, da conseqüente criação de leis protecionistas para esse “novo” componente da sociedade brasileira, do advento de instituições de asilamento só para idosos e do aumento da produção acadêmica sobre a temática “velhice”, esse trabalho objetiva analisar as diversas formas pelas quais a velhice pode ser concebida e vivenciada. Entrevistas realizadas com moradores do bairro da Liberdade, em Campina Grande serão nossa fonte de inquirição e a multiplicidade de projeções e sentimentos, fornecidos por nossos personagens/entrevistados podem nos favorecer a compreensão dos sentidos dados ao envelhecer na história atual.

**Palavras-chave:** Envelhecimento populacional. Idosos. Solidão.

**Abstract:** The growing elderly population in the world has many reasons that go beyond the simplification of the reduction in the rate of mortality in developed and developing countries. This phenomenon has attracted the scientific community that these changes also reflected in increased production about the motivations and consequences of this new global reality and Brazilian consecutively. From the analysis of the demographic revolution that has occurred in Brazil and abroad in recent years, the subsequent creation of protective laws for the "new" part of Brazilian society, the emergence of institutions for asylum only for the elderly and increasing academic production on the theme "Old Age", this work aims to analyze the various ways in which old age can be designed and experienced. Interviews with residents of the neighborhood of Liberdade, in Campina Grande will be our source of inquiry and the multitude of feelings and projections provided by our characters / asked can promote understanding in the sense data to current age in history.

**Keywords:** Aging population. Elderly. Loneliness

## INTRODUÇÃO

Todo trabalho, toda pesquisa é o resultado da soma de tudo que a tornou possível... São os sonhos das noites não dormidas, as angústias sentidas, mas, que nem sempre se escreveram no papel, é a intenção de criar uma “nova forma de enxergar o mundo”, que na verdade está completamente atravessada de outras “novas formas”. Ela é o que resta, é o que fica das experiências passadas, de todo um passado consumido com vistas a um futuro objetivado pela pesquisa.

Em história, todo sistema de pensamento está referido a “lugares” sociais, econômicos, culturais (Certeau, 2003). A instituição a qual o escritor está ligado é denominada por Certeau (op.cit.) como uma instituição do saber. É essa instituição que o legitima e o “amarra”. Dessa forma, a nossa amarra, por assim dizer, está na academia - lugar onde a busca por respostas e, principalmente, por mais questionamentos tem nascido de forma gratificante e que, por inúmeras vezes, tem trazido as tão esperadas “soluções” para nossos questionamentos, fervilhando nossa mente para a busca de mais e mais questões.

Nossos estudos e pesquisas sobre o envelhecimento humano tiveram seu início quando integramos o Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade- PIATI<sup>1</sup>. Ele é composto atualmente de quatro projetos de distintas áreas do conhecimento, que estudam a velhice e as relações intergeracionais.

Neste último ano participamos de um projeto denominado “Viver e conviver com pessoas da terceira idade”, projeto este que tem nos feito descortinar preconceitos e embarcar num modo intenso de trabalhar com pessoas idosas, compreender alguns de seus anseios e principalmente, conseguir alinhar as teorias e discursos presentes nos livros, com a fala e a história de vida das pessoas que nos dão suporte para as pesquisas.

Nossa escrita estará o tempo inteiro arraigada da influência das pesquisas dos nossos colegas e orientadores, bem como da imensa influência intelectual dos nossos

---

<sup>1</sup> O PIATI é um programa de ações intergeracionais que funciona na Universidade Federal de Campina Grande, no qual são desenvolvidas pesquisas de ordem extensionistas que atendem a população circunvizinha da universidade, bem como prepara pesquisadores para trabalharem com idosos, crianças e jovens.

professores da academia, que nos fizeram enxergar uma história sem barreiras e preconceitos, onde a plasticidade e a multiculturalidade serão sempre a marca da influência deles em na nossa escrita e pensamento.

Este trabalho objetiva fazer uma análise da velhice, iniciando pela constatação do aumento da expectativa de vida na maior parte dos países do mundo, verificando as mudanças ocorridas no Estado para abarcar essa nova configuração populacional e concluindo com entrevistas realizadas com pessoas de diferentes idades e gerações.

Ele é o resultado de projetos, pesquisas, análises e envolvimento pessoal com essa temática que, nos atrai por ainda - podemos dizer assim - nos assustar e incitar-nos a ir mais além do que já lemos, que já vemos. Nos assusta saber que nada que escrevamos, nada que venhamos a ler, que nos digam ou que vejamos vai retardar os sinais do tempo em nossas vidas. Como escreve Cícero(1937), em seu famoso tratado De Senectute (Da velhice), "todos querem chegar à velhice; quando chegam, acusam-na", e Simone de Beauvoir<sup>2</sup> "Todos desejam viver por muito tempo, mas ninguém quer chegar a ser velho."

É sobre envelhecimento, sim, que escrevo. Mas pretendo falar, do mesmo modo, sobre sentimentos, sobre desejos, medos, sonhos. As considerações primeiras desse trabalho estão no fato de entendermos que a velhice não é só um "estado de espírito", tampouco é apenas uma ideologia. Ela é um fato real! É resultado de uma complexidade de acontecimentos e fatos que ocorrem ao longo da vida e que se refletem no corpo, nas relações entre as pessoas, e também, na mente.

Campina Grande, nos serviu de palco para análise dos sentidos que a velhice assume na atualidade. São as conversas que tivemos com pessoas dessa cidade que nos fez perceber a complexidade existente entre ser velho, sentir-se velho e projetar-se na velhice. Na tessitura desse trabalho escolhemos entrevistar algumas pessoas do bairro da Liberdade, que são de diferentes gerações, idades, religiões e possuem divergentes visões sobre a velhice do outro e a própria (atual ou futura).

---

<sup>2</sup> **BEAUVOIR, Simone. A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

A escolha dos entrevistados foi realizada através da proposta do título da monografia, que é analisar a plasticidade dos modos pelos quais a velhice pode ser concebida e vivenciada. Dessa forma entrevistamos pessoas com idades entre 17 e 70 anos, para podermos ouvir e perceber as diferenças e semelhanças que pode haver na forma de ver a velhice, entre pessoas que a vivem no próprio corpo e pessoas que vivenciam-na em meio aos seus cotidianos relacionais.

A identidade dos entrevistados será preservada através da adoção de símbolos que representem, de forma crescente de acordo com as idades, os entrevistados. W1 é o pseudônimo usado para o entrevistado de 17 anos, que está concluindo o ensino médio e é solteiro. W2 é designado para nominar a entrevistada de 26 anos, é solteira, formada em Jornalismo e presidente de um grupo religioso da sua cidade. W3 se refere ao entrevistado de 27 anos, formado em Administração de Empresas, também solteiro. W4 se refere a entrevistada de 69 anos, que aprendeu a ler e escrever depois dos 60 anos, é casada, mãe de 10 filhos e desde que casou trabalha em casa, cuidando da família. W5 é o pseudônimo do entrevistado de 70 anos, casado, não frequentou a escola e ainda hoje é o principal responsável pelo sustento de sua casa, com a profissão de mecânico.

Pretendemos fornecer possibilidades para a compreensão da velhice enquanto realidade móvel e líquida, uma vez, tomada como ponto de partida a complexidade que há na existência de distintas velhices e múltiplas possibilidades de vivenciar o que pode ser a última etapa da vida.

No capítulo inicial mostraremos como tem ocorrido a revolução demográfica no Brasil e no mundo nos últimos anos, a consequente criação de leis protecionistas para esse “novo” componente da sociedade brasileira (os idosos), o advento de instituições de asilamento só para idosos e o aumento da produção acadêmica sobre a velhice.

No segundo capítulo analisaremos as diversas formas pelas quais a velhice pode ser concebida e vivenciada. Entrevistas realizadas com moradores do bairro da Liberdade, em Campina Grande serão nossa fonte de inquirição, onde buscamos através da multiplicidade de projeções e sentimentos, fornecidos por nossos personagens/entrevistados favorecer a compreensão dos sentidos dados ao envelhecer na história atual.

Acredito que as explicações oferecidas por modelos teóricos globalizantes, tendentes a totalidade, onde se buscava a verdade já não mais sacia a vontade de compreensão dos pesquisadores e dos atores sociais, pois a incapacidade de interpretar novos agentes históricos são agora questionados. É preciso adotar uma história problematizadora do social, que se preocupe *também* (não apenas) com os anônimos, em seus modos de viver, pensar, sentir. Por isso escolhemos fazer uma história a partir do micro para se entender o macro, analisando os desejos, medos e anseios de pessoas simples e comuns, que refletem pensamentos atuais sobre a velhice.

“... o meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não conseguirei compor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; Um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo e está lacuna é tudo.”

(Machado de Assis, Dom Casmurro)

## O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO

A população mundial tem vivido, em geral, mais que nos últimos séculos. Em contrapartida, poucas crianças tem nascido, e devido a fatores sociais como o desenvolvimento de tecnologias na área da saúde, a expansão do saneamento básico, o nascimento da medicina social, mudanças na estrutura familiar, o aumento nos anos de estudo, entre outros, as taxas de mortalidade também diminuiriam.

As questões demográficas nos auxiliam como subsidio inicial para facilitar a compreensão das mudanças ocorridas com a população, de forma que se busque compreender a maneira com que a sociedade vem lidando com essa a nova realidade etária/demografica de sua população. De acordo com José A. D. Alves<sup>3</sup>,

A transição da fecundidade é um fenômeno relativamente novo na história da humanidade. A passagem de altos a baixos níveis de fecundidade aconteceu nos últimos dois séculos, começando pelos países hoje classificados como desenvolvidos, sendo seguida, em diferentes ritmos, pelos países chamados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. A transição da fecundidade é um fenômeno social da maior importância, pois, além de afetar a dinâmica do crescimento demográfico, afeta a estrutura etária da população, com grandes conseqüências sobre o relacionamento entre as gerações e os diversos grupos de idade. As mudanças da estrutura etária transcendem os aspectos demográficos, afetando as políticas de educação, saúde, emprego e previdência, tendo profundo efeito sobre o

---

<sup>3</sup> No artigo intitulado “Questões Demográficas: Fecundidade e Gênero”. 2004.

processo de planejamento socioeconômico do país e sobre as políticas públicas.

Em 1970, apenas 20 países, representando 18% da população mundial possuíam fecundidade ao nível de reposição ou abaixo. No ano 2000, já eram 64 países com fecundidade igual ou menor de 2,1 filhos, o que representava 44% da população mundial.

As mudanças nas taxas de fecundidade representam um fenômeno complexo e multifacetado, que afeta não apenas o ritmo de crescimento da população, como também as transformações na sua estrutura etária, que ocorre de forma mais expressiva no Brasil a partir da década de 70. Dessa forma, nesse contexto mundial de queda da mortalidade, aliadas as taxas abaixo do nível de reposição populacional, temos a origem da implosão populacional, que denominamos de “Revolução Demográfica”, responsável por nominar a nova fase da maior parte dos países do mundo, o envelhecimento das suas populações.

Devido a essas transformações, os idosos correspondem hoje a uma parcela da população cada vez mais representativa, do ponto de vista numérico.

“O fato da humanidade ter acrescentado 29 anos a sua expectativa de vida é a maior conquista do século XX e o grande desafio do século XXI.” Com essa afirmativa Alexandre Kalache<sup>4</sup>, em entrevista concedida a revista Veja no ano de 2005, diz que a sociedade deve se preparar para ter igual número de idosos e jovens. Como coordenador do Programa de Envelhecimento e Curso de Vida da Organização Mundial de Saúde, ele acrescenta, ainda no mesmo ano, desta vez no site da Rádio Nederland Wereldomroep<sup>5</sup> que,

Estudos da Organização Mundial de Saúde indicam que no mundo inteiro, daqui até o ano 2050, a população global vai aumentar de seis bilhões para nove bilhões e que a população de idosos nestes próximos 45 anos aumentará de 600 milhões para dois bilhões. Nos países em desenvolvimento este aumento será estrondoso, quando dos atuais 400 milhões

---

<sup>4</sup> Alexandre Kalanche é médico e pesquisador em saúde pública, e diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde OMS.

<sup>5</sup> Página gerada em 07.03.2005. [www.parceria.nl/sociedade/Envelhecimento/at050307\\_envelhecer](http://www.parceria.nl/sociedade/Envelhecimento/at050307_envelhecer)

passará a ser de 1,7 bilhão. Ou seja, o aumento da população do mundo será de 50% até 2050 enquanto que a população da terceira idade nos países em desenvolvimento será de 450%. [...] a América Latina é o continente onde mais rápido as pessoas estão envelhecendo no mundo. Nesta região, já se observa os mais altos aumentos na esperança de vida e as mais drásticas reduções na taxa de natalidade, então esta idéia de que a América Latina é um continente de pessoas jovens deve ser neutralizada porque nós somos hoje um continente jovem de cabelos brancos e daqui a 10, 15 anos seremos um continente definitivamente envelhecido.

De acordo com dados publicados pela Eurocid<sup>6</sup> a idade média da população na União Européia, que em 2004 era de 39 anos, prevê-se que seja no ano de 2050 de 49 anos. Lá, as mulheres tem, em média, 1,52 filhos, um número inferior aos 2,1 filhos necessários para manter a população no mesmo nível, número esse que o Brasil tem atualmente na taxa de fecundidade. Ainda segundo dados da Eurocid, a diminuição da natalidade altera o funcionamento do mercado de trabalho, dos sistemas de saúde e dos regimes de reforma nos Estados-Membros<sup>7</sup>.

Publicados os dados quantitativos no censo 2000 do IBGE, as taxas de fecundidade total no Brasil vêm declinando ao longo dos últimos 40 anos, período em que apresentaram reduções de mais de 60%. A taxa consolidada pelo Censo Demográfico 2000 atingiu 2,38 filhos por mulher. Em estudo publicado com o título “As Transições Demográficas e as Mudanças na Estrutura Etária e suas Implicações para o Futuro do Brasil”, o geógrafo José Estácio Diniz Alves<sup>8</sup> faz um estudo analítico do decréscimo da natalidade no país, levando em conta o crescimento econômico para a

---

<sup>6</sup> Centro de Informações Europeias Jacques Delors (página gerada em 02.03.2008)

<sup>7</sup> Os Estados são membros da UE (União Européia), que constitui um bloco econômico, político e social de 27 países europeus que participam de um projeto de integração política e econômica. Os países integrantes são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos (Holanda), Polônia, Portugal, Reino Unido, República, Roménia e Suécia. Macedônia, Cróacia e Turquia encontram-se em fase de negociação. Estes países são politicamente democráticos, com um Estado de direito em vigor.

<sup>8</sup> Em artigo intitulado “O bônus Demográfico e o Crescimento Econômico no Brasil. 2007.

modificação na transição demográfica. Nesse estudo ele mostra as mudanças ocorridas em grau quantitativo no número populacional do país desde 1850 até o ano de 2000, e a diversificação dos arranjos familiares no Brasil até 2006. Com esses dados, ele faz projeções etárias e populacionais para o Brasil até 2050, ano em que ele acredita que os idosos serão mais de 30% dos habitantes do país. E a idade mediana da população estará entre 45 e 48 anos. Devido às quedas das taxas de fecundidade, sobretudo a partir das décadas de 70 e 80 e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, o envelhecimento da população brasileira é um fato quase consolidado.

De acordo com Samira do Nascimento Lyra<sup>9</sup>, a reflexão sobre o envelhecimento de uma população não pode e nem deve se resumir a uma mera análise demográfica, mas, sobretudo, incluir os aspectos sócio-econômicos e culturais de um povo, a fim de que se possa perceber de forma mais nítida as conseqüências, mudanças, desafios e perspectivas que esse processo traz consigo.

Algumas mudanças culturais podem ser apontadas, tais como a saída da mulher para trabalhar fora de casa, o aumento da renda familiar, melhores condições de saúde e saneamento básico no país nos últimos 30 anos, com a criação da PLANASA – Plano Nacional de Saneamento, *entre 1971 e início da década de 1980 segundo levantamento efetuado por Marcos T. Abicalil (1998) o setor de saneamento teve grande impulsão, crescendo 43% em cobertura de água e 122% em coleta de esgotos” (Oliveira)<sup>10</sup>.*

O aumento na quantidade de anos de estudo também é um indicador dessa mudança, o acesso à escola e o aumento da quantidade de jovens que ingressam nas universidades é um dos motivadores da prática do planejamento familiar em algumas regiões do país, principalmente no sul e sudeste. As novas configurações culturais brasileiras são apontadas, de acordo com o censo 2006 com significativas transformações: cresceu o número de domicílios unipessoais, o número de casais sem filhos (que chega a ser de 26,82 %), e há uma diminuição do modelo tradicional de família (casal com filhos).

---

<sup>9</sup> Em artigo intitulado “O Envelhecimento da população brasileira e o aumento do uso de medicamentos – A Atenção Farmacêutica como política pública para o acompanhamento do uso de medicamentos. Belo Horizonte, MG - UFMG/FAFICH, 2008.

<sup>10</sup> A gestão de serviços de saneamento básico no Brasil.2005.

Essas modificações na estrutura etária da população não são exclusivas do Brasil. Na Europa, a título de comparação, a população tem envelhecido a ritmo bem mais apressado que nos outros continentes, entre alguns dos motivos que explicam essa diminuição, pode-se citar o fato das mulheres terem uma maior necessidade de conciliar a vida profissional com a maternidade, já associado ao fato delas serem mães mais tarde, o incentivo a contracepção desde cedo, alterações no estilo de vida sofridos com as profundas alterações dos padrões de vida e na composição familiar e principalmente os novos padrões comportamentais nas sociedades desse continente.

Percebemos assim que o envelhecimento das populações, em especial a do Brasil, afeta muito mais que a maneira de pensar das pessoas, ela é resultado de uma simbiose de mudanças no comportamento dos indivíduos e pode ser analisada também a partir do crescente interesse dos acadêmicos em estudar as formas pelas quais as pessoas tem lidado com esse fato e, principalmente, os caminhos que levaram cada população a viver com essa realidade.

Estudos governamentais são realizados periodicamente, como é o caso do IBGE<sup>11</sup> para se buscar entender em graus quantitativos como está funcionando a sociedade em meio a essas mudanças, da mesma forma, outros estudos buscam entender de maneira qualitativa como os indivíduos tem se comportado perante a nova face da realidade etária das suas populações.

Como afirma Debert<sup>12</sup>, assistimos hoje a uma socialização progressiva da gestão da velhice, velhice essa que foi considerada durante muito tempo como algo privado e pertencente a família. Atualmente devido a numerosa quantidade de produções acadêmicas a cerca da velhice tem trazido para a sociedade uma série de estudos que buscam facilitar a compreensão dessa fase da vida de forma não associativa a doenças e morte social.

---

<sup>11</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>12</sup> DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999.

Simone de Beauvoir, em 1970 denunciava a "conspiração do silêncio" ou o descaso com que era tratada a velhice naquela época. Groisman<sup>13</sup>, discutindo a velhice sob uma perspectiva histórica, destaca três momentos marcantes: primeiramente, a virada do século, que trouxe uma série de mudanças aos padrões então estabelecidos,

...destacando a velhice como uma fase separada e com características próprias'; depois, os anos 1960/70, '...quando surgem as primeiras sociedades de geriatria e um discurso especializado sobre a velhice começa a se universalizar' e, finalmente, os anos 1990 '...quando o envelhecimento torna-se um problema social, ocupando amplo espaço na mídia.

Nas últimas décadas, principalmente com o surgimento das primeiras sociedades de geriatria, espaço esse que tem uma dimensão maior que as paredes que os cercam, há também um aumento crescente nos estudos, pesquisas e análises sobre a velhice e o envelhecimento, não apenas enquanto fenômeno físico- social, mas também enquanto mudanças sócio- culturais.

Podemos constatar o crescente aumento no interesse sobre essas temáticas a partir da análise do artigo<sup>14</sup> de autoria de Shirley Donizete<sup>15</sup> Prado e Jane Dutra Sayd<sup>16</sup>. Nele obtivemos um balanço geral da produção de teses e dissertações referentes ao envelhecimento humano no Brasil até novembro de 2002. Foi onde conseguimos informações necessárias para desenvolvermos uma análise do aumento da produção sobre envelhecimento no país, nas últimas décadas.

Os estudos sobre o envelhecimento populacional têm crescido substancialmente, não apenas de interesse dos governos e institutos geográficos, os acadêmicos de

---

<sup>13</sup> GROISMAN, Daniel. **Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice**. Cadernos Pagu (13) 1999: pp.161-190.

<sup>14</sup> O artigo é intitulado: Teses e dissertações sobre o envelhecimento no Brasil.(2002)

<sup>15</sup> Nutricionista, mestre em saúde pública pela Fundação Oswaldo Cruz e doutora em saúde coletiva do Instituto de medicina Social da universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Médica, professora adjunta e Orientadora do Programa de Pós- graduação em Saúde Coletiva e vice-diretora do Instituto de medicina Social da universidade do Estado do Rio de Janeiro.

diversas áreas tem buscado soluções para problemas gerados por esse fenômeno, e também analisando a participação social e cultural deste novo ator social, que até 30 anos atrás não era tão comum entre as famílias e comunidades pelo mundo, em especial o ocidental. “A última década assistiu à transformação da velhice em tema privilegiado, quando se pensa nos desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea” (Debert, 1999).

Na leitura da pesquisa que resultou no artigo “Teses e Dissertações sobre Envelhecimento no Brasil” (op.cit), as autoras apresentam a produção de teses e dissertações referentes ao envelhecimento humano, produzidas no Brasil ou por brasileiros no exterior. Foram utilizados diversos acervos, buscados a partir de palavras-chave, tais como: velho, velhice, envelhecimento, idoso, aposentadoria, gerontologia e geriatria e a expressão terceira idade.

Confirmando a afirmativa de Groisman (op.cit), as autoras expõem um gráfico, onde as produções sobre a área são mostradas desde 1840, quando é identificado o primeiro trabalho, que espera mais meio século para o aparecimento de mais sete obras, entre 1900 e 1930. Ao serem retomados em meados de 1900 as dissertações e teses apresentam uma nova abordagem médica, mais especializadas que as iniciais. E começam a surgir alguns trabalhos desenvolvidos em outras áreas do conhecimento como educação, sociologia, psicologia e antropologia que estão voltados para temas específicos como a institucionalização de idosos, aposentadoria, auto-imagem, auto-estima e vida em sociedade.

São múltiplos os olhares que se voltam para o fenômeno do envelhecimento. Predominam as obras oriundas das Ciências da Saúde – que responde por quase metade dessa produção – especialmente da Medicina, da Enfermagem e da Saúde Coletiva. A contribuição das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas beira um terço do conjunto das dissertações e teses, com destaque para Psicologia, Educação e Serviço Social.<sup>17</sup>

Desse modo podemos observar como a atenção da academia tem se voltado para essa temática e que o considerável aumento nas pesquisas sobre o envelhecimento e a

---

<sup>17</sup> Shirley Donizete e Jane Dutra Sayd. Teses e dissertações sobre o envelhecimento no Brasil.(2002)

velhice tem também proporcionado uma maior atenção as mudanças ocorridas na sociedade, fazendo desse “fenômeno populacional” uma temática bastante presente nas produções realizadas na academia. Nesse trabalho não estamos analisando a produção bibliográfica publicada de 2002 até 2009 sobre a temática, que tem uma imensa expressão, mas que não é nosso foco nesse estudo.

Para entendermos as formas pelas quais o Estado tem buscado lidar e de certa maneira “proteger” os direitos dos idosos na sociedade, precisamos entender que uma série de medidas são tomadas, desde a definição etária da velhice, até redutos de encontro e socialização para as pessoas envelhecidas. O Estado agora precisa preocupar-se não só com as mudanças “faciais” da sua população, a moradia e as condições de vida são também responsabilidade estatal, que por sua vez a incute a família.

Ao mesmo tempo em que a velhice é associada aos estereótipos da decadência física e da perda de papéis sociais há ganhos legais que só foram possíveis a partir dessa interpretação, como é o caso da universalização das aposentadorias, que visam aumentar e melhorar a vida dos idosos.

## **O Estado e a proteção a velhice**

O *Plano de Ação Internacional sobre Envelhecimento das Nações Unidas*<sup>18</sup>, estipulou 60 anos como o patamar que caracteriza o grupo idoso. Porém, é usual, em demografia, definir 60 ou 65 anos como o limiar que define a população idosa, explica em seu texto “Envelhecimento da população brasileira”(2002), Morvan de Mello Moreira do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco, acrescentando que,

por envelhecimento populacional entende-se o crescimento da população considerada idosa em uma dimensão tal que, de forma sustentada, amplia a sua participação relativa no total da população. A ampliação do peso relativo da população idosa deve-se a uma redução do grupo etário jovem, em

---

<sup>18</sup> Este Plano foi o resultado da II Assembléia Mundial do Envelhecimento realizada de 8 a 12 de abril de 2002, em Madri, promovida pela ONU.

consequência da queda da fecundidade, configurando o que se denomina envelhecimento pela base.

A política pública de atenção ao idoso se relaciona com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural, bem como com a ação reivindicatória dos movimentos sociais. Um marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988, que introduziu em suas disposições o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social alterasse o seu enfoque estritamente assistencialista, passando a ter uma conotação ampliada de cidadania.

De acordo com a revista “Com Ciência<sup>19</sup>”, é a partir daí que a legislação brasileira procurou se adequar a tal orientação, embora ainda faltem algumas medidas,

*...a Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994 (Lei 8.842), criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania.*

Essa lei foi reivindicada pela sociedade, sendo resultado de inúmeras discussões e consultas ocorridas nos estados, nas quais participaram idosos ativos, aposentados, professores universitários, profissionais da área de gerontologia e geriatria e várias entidades representativas desse segmento, que elaboraram um documento que se transformou no texto base da lei.

Objetivando criar condições que promovam a longevidade com qualidade de vida, a Política Nacional do Idoso busca colocar em prática ações voltadas, não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer. A implantação dessa lei estimulou a articulação dos ministérios setoriais para o lançamento, em 1997, de um Plano de Ação Governamental para Integração da Política Nacional do Idoso. São nove os órgãos que compõem este Plano: Ministérios da Previdência e Assistência Social, da Educação, da Justiça, Cultura, do Trabalho e Emprego, da Saúde, do Esporte e Turismo, Transporte, Planejamento e Orçamento e Gestão.

---

<sup>19</sup> Página gerada em 09.08.2007. [www.conciencia.com.br](http://www.conciencia.com.br)

Em meio à relação das incumbências das entidades públicas, encontram-se importantes obrigações como o estímulo à criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lares, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares, apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso e sua participação no mercado de trabalho.

O Estado, atendendo a essa nova configuração da sociedade, também cria seus mecanismos de apoio, como é o caso do Estatuto do Idoso, onde o direito ao respeito e ao auxílio é garantido pela lei. É no Estatuto que vemos uma redefinição do cuidar: os pais tem a obrigação e responsabilidade perante o Estado de cuidar dos seus filhos até que eles alcancem autonomia, e de acordo com a nova lei, os filhos tem essa mesma responsabilidade com os seus pais, até que os mesmos venham a óbito. Aos idosos sem filhos o Estado age como tal e a universalização das aposentadorias também se encaixa nesse “mecanismo de cuidado estatal” em relação ao idoso.

O Estado assumiu para si o cuidado, bem como o controle da velhice, uma vez que ele define quem é velho, quais os deveres e os direitos que cada um tem na vida em sociedade. Mas, ao mesmo tempo, assistimos a um apelo constante, em meio a criação de estatutos e leis. É necessário que a sociedade como um todo participe desse propósito, o de viver e conviver com mais respeito e sociabilidade, não apenas com os idosos, uma vez que campanhas de conscientização da família e da sociedade são vitais para a mudança de mentalidade na gestão da velhice.

A velhice não dociliza o ser humano, não o torna alguém melhor, mais importante que os outros, contudo, a debilidade que o corpo apresenta na maioria das vezes em pessoas acima de 60 anos e a falta de respeito aos direitos humanos e sociais no Brasil colocam os idosos numa posição crítica, haja vista os cuidados necessários nesta fase da vida. E a criação do Estatuto do Idoso no Brasil vem assim, como uma tentativa de assegurar e respeitar alguns dos direitos fundamentais dos idosos.

Dispondo de 118 artigos ele discute o sistema de cotas em moradias construídas em recursos federais, tendo em vista as novas configurações familiares onde muitos idosos moram sozinhos, por não terem se casado, não possuírem filhos ou simplesmente por assim escolherem. Direito a um salário mínimo mensal aos 65 anos, que deve ser

reajustado da mesma forma que o salário mínimo for. Empresas também tem que se adaptar a essa nova face da sociedade brasileira, abrigoando em seus quadros funcionais 20% das vagas para pessoas maiores de 45 anos. O poder público tem que garantir a gratuidade nos usos de transportes coletivos municipais e assegurar uma cota de passagens gratuitas nas intermunicipais e estaduais.

A criação do Estatuto é um avanço do ponto de vista da normatização legal, mas só a sua criação não é o suficiente para assegurar que as atitudes das pessoas, das empresas e do estado mude em relação ao idoso. Escolas, empresas e estado precisam investir na conscientização dos direitos assegurados pela lei, bem como do compromisso que cada um possui na aplicação dessas leis, uma vez que ela atinge de forma direta ou indireta a todas as pessoas.

Os velhos são muitas vezes, de acordo com Elias,

... empurrados para os *bastidores* e excluídos do convívio social. Os cuidados e a proteção dos velhos, antes atribuição da família e círculo de amigos e vizinhos, foi sendo transferido para a esfera estatal e, cada vez mais, pautado pelo conhecimento científico. O convívio com parentes, amigos e vizinhos nestes contextos pode ser, inclusive, proibido ou dificultado por interferirem no trabalho dos profissionais da saúde. Nesse processo, o velho é isolado do contato social com pessoas com as quais, às vezes, conviveu por grande parte de sua vida. Assim, a rede de atendimento institucional aos idosos, sustentando-se na possibilidade de retardamento da *morte biológica*, afasta familiares e parentes e provoca uma espécie de morte social do velho.

Com o aumento da população idosa no Brasil, e as transformações familiares, o número de pessoas que envelhecem e não tem onde morar é alto. A criação de asilos, em sua maioria por organizações não governamentais tem crescido, e no estudo de Groisman<sup>20</sup>, vemos que mesmo pessoas abastardas financeiramente podem vir a morar

---

<sup>20</sup> Groisman, Daniel. *A Infância do Asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da Virada do século*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva.

em asilos, uma vez que a representação do asilo está também associada a perda de papéis na família e a solidão.

O número de asilos - apesar de não haver dados exatos e/ou aproximados, devido a existência clandestina da maioria - e grupos de convivência para pessoas idosas tem crescido demasiadamente no Brasil. Porém, os estudos históricos sobre esse espaço (o asilo), que ao mesmo tempo particulariza e coletiviza o envelhecimento institucionalizado, bem como o universo simbólico, discursivo e conceitual surgido com essas relações ainda é pouco abordado nos estudos históricos, mas as ciências sociais e médicas apresentam uma boa quantidade de pesquisas sobre o assunto.

Segundo o Decreto nº 1.948, de 03 de julho de 1996, artigo 3º, existem formas distintas de atendimento aos idosos: a modalidade asilar - atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência, de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social - , que rege a vida do mesmo por meio de normas específicas, e o amparo civil e socialmente; e a modalidade não-asilar, que se compõe de Centro de Convivência, Centro de Cuidados Diurno, Hospital-Dia, Casa-Lar e Oficina Abrigada de Trabalho e destina-se a atender o idoso por determinado período do dia.

Creemos que deve ser dada maior importância a medidas que venham possibilitar ao idoso continuar sob o convívio familiar. A Lei 8.842, de janeiro de 1994, artigo 4º, prioriza o atendimento do idoso pelas famílias, ao invés do asilar. Há críticas, contudo, quanto à falta de políticas públicas que sejam condizentes com o discurso governamental. A existência de inúmeros fatores, tais como os demográficos, sociais e de saúde, conduzem ao aumento da demanda pela institucionalização.

Contudo, as leis e decretos sobre a institucionalização dos idosos sem família ou renda suficientemente necessárias a sua sobrevivência só vigoram em momentos em que são acionados, de forma que a maior parte dos idosos miseráveis não estão em asilos, só uma pequena parcela dessa população desabrigada é alcançada por algumas das medidas imediatistas do governo.

Para Jaime L. S. Souza<sup>21</sup>, a manutenção dos asilos não representa cuidados do Estado com os idosos, uma vez que ele crê que interesses bem mais estéticos que altruístas estão presentes na institucionalização,

a sociedade e a família, mais especificamente, tentam justificar a internação dos idosos pela necessidade de cuidá-los adequadamente. Da parte do Poder Público, o discurso aparente é o da intenção de protegê-los para evitar que sofram maus tratos. Todavia, por melhores que sejam as condições da instituição não é possível evitar que sejam submetidos a sofrimentos, pois sua condição de interno já se configura por si só motivo para profundas angústias. Uma vez que estejam fora da esfera produtiva tornam-se inúteis e socialmente inoportunos; para a família ao demandarem maior quantidade de atenção e cuidados, tornam-se estorvo e fonte de despesas adicionais; se não têm família e vivem nas ruas, a estética da miséria estampada, incomoda muito mais que comove, aos transeuntes.

Dentro dos asilos, os idosos precisam reaprender a marcar seu espaço nessa que será sua nova “família” e principalmente, aprender a conviver com as lembranças trazidas de sua antiga moradia. Nem sempre a convivência com os cuidadores é pacífica, o que pode tornar bastante complicada essa medida estatal para um “melhor viver”.

Independente das circunstâncias da institucionalização, o idoso ao ingressar num asilo experimenta uma realidade nova e, por vezes assustadora, tornando-se difícil organizar de maneira tranqüila e equilibrada essa nova experiência. Somada a essa situação, no geral, a instituição não está preparada para serviços que respeitem a sua individualidade, personalidade, privacidade e modo de vida. A tendência é priorizar as necessidades fisiológicas (alimentação, vestuário, alojamento, cuidados de saúde e higiene) desprezando a especificidade da experiência de cada indivíduo. Fica claro que o idoso ao perder (total ou parcial) as suas construções simbólicas, conseqüentemente haverá um corte com o seu mundo de relações e com sua história.

---

<sup>21</sup>SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada. (2003)

O descarte do corpo envelhecido, que se tornou empecilho e fardo, faz do abandono uma realidade incômoda. Analisarei as práticas sócio-históricas que levaram a naturalização dessa prática, bem como as falas silenciadas dos que vivem nessas instituições. Quero tornar visível, através da prática historiográfica às experiências e sentimentos dos idosos institucionalizados que, são empurrados para os bastidores da vida social devido o impulso civilizador (ELIAS,2002) .

Para Elias,

...ao mesmo tempo quando envelhecem e ficam mais fracas, são mais e mais isoladas da sociedade e do círculo da família e dos conhecidos. [...] Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje [...], e nunca em condições tão propícias a solidão.

Ao longo do processo de envelhecimento, as capacidades de adaptação do ser humano vão diminuindo, tornando-o cada vez mais sensível ao seu meio ambiente que, consoante as restrições ao funcionamento do asilo, ele pode ser um obstáculo para a vida do idoso.

O bem estar psicológico deste grupo etário está muito associado à sua satisfação em relação ao seu ambiente residencial. A casa para cada um dos idosos, adquire um significado psicológico único, uma vez que há grandes laços afetivos através das memórias que cada lugar o trás.

De acordo com as pesquisas de Costa<sup>22</sup>, que produziu uma análise sobre o cotidiano do Instituto São Vicente de Paula, o único asilo para idosos da cidade de Campina Grande, ela observa que “mesmo vivendo em um lugar fechado, onde todos os dias se encontram e compartilham as mesmas atividades, não me parece haver contato profundo entre eles.” Ao serem retirados de casa, muitos idosos não se adaptam e inicia-se um período de dor ainda maior que o distanciamento de casa, a dor do não pertencimento, da não adequação.

---

<sup>22</sup> COSTA, Elisandra. “Idosos asilados em Campina Grande: a construção do cotidiano de idosos asilados”. Monografia (2005)

Ao longo do tempo as pessoas apegam-se de uma forma muito especial à sua casa, criando um sistema de espaço seu, reconhecido facilmente, e ao qual ele se sente ligado. No caso dos idosos, porque normalmente já residem na sua casa há largos anos, esses laços fortalecem-se ao longo do tempo, este é um espaço bastante importante, ao qual estão associados um conjunto de sentimentos que fazem com que o idoso esteja emocionalmente vinculado àquele lugar.

Neste conjunto de sensações há os sentimentos associados às recordações do curso de vida do idoso, que o auxiliam a organizar e mentalizar esse percurso, de forma que lhe seja possível manter “vivo” o seu passado, com um sentimento de continuidade e identidade, protegendo-o contra as transformações que vão ocorrendo. E há também um sentimento de auto - estima positivo, uma vez que o idoso, ao manter - se na sua casa demonstra aos outros que ainda mantém a sua autonomia e independência.

De acordo com Agra do Ó (2007),

Essa teria sido a forma pela qual nossa sociedade elaborou a sua relação consigo e com a prática da individualização: os afetos foram controlados, os instintos, subjugados à cultura, a felicidade intimamente a satisfação e ao gozo perene do indivíduo. Aos velhos passou a caber a culpa por sua própria decadência e a alternativa do isolamento, sob os cuidados de instituições e especialistas, que os retiram do convívio social, pacificando a sensibilidade dos mais jovens.

O processo que se inicia com o aumento na expectativa de vida das pessoas desemboca em um problema social, que tem em suas soluções públicas iniciais um impasse, uma vez que o asilo pode representar o afastamento dos laços familiares e a dor da perda de papéis em casa, mas também, como afirma Debert(op.cit.), nem sempre a família é a solução, pois inúmeros idosos se sentem mais sós quando estão rodeados por familiares que quando estão em asilos. É o que a citação acima, de Agra do Ó, vem afirmar, alguns idosos são retirados do convívio social para amenizar as sensibilidades dos mais jovens, que muitas vezes são filhos e/ou netos, que não suportam a convivialidade intergeracional.

O crescente aumento da longevidade no Brasil tem causado problemas de ordem habitacional, as novas configurações familiares também são motivadores do aumento no

número de pessoas que não tem onde morar após chegar à velhice. Seja por não possuírem familiares vivos, ou por não se “enquadrarem” nos moldes de vida dos filhos e parentes, o fato é que a cada dia mais pessoas precisam recorrer a asilos e instituições que abriguem pessoas sem lar. Para piorar a situação do idoso institucionalizado, a grande maioria dos asilos funcionam sem qualquer tipo de cuidado específico voltado para a atenção ao idoso, e as questões adaptacionais se complicam ainda mais. De acordo com Akemi Yamamoto e Maria José D'Elboux Diogo<sup>23</sup>

... na Portaria nº 810, de 22 de setembro de 1989, do Ministério da Saúde, estão descritas as normas e padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, quanto à definição, organização, área física e recursos humanos. Todavia, muitas instituições funcionam sem estarem sob as condições ideais e, ainda que recebam o aval para funcionarem, "estão longe de atenderem à população idosa.

O Estado cria leis que atendam a essas demandas populacionais, mas o seu funcionamento não anda de acordo com essas necessidades e, vendo essa debilidade aparente nas instituições e a forma pela qual as pessoas velhas são tratadas nos asilos, os mais jovens temem ficar só, temem a solidão na velhice, não ter para onde ir, com quem poder contar quando precisar é um dos motivos que fazem muitos indivíduos nem questionarem a hipótese de ficarem institucionalizados quando envelhecerem, tampouco ficar perto dos que estão nesses lugares de segregação.

Em *Envelhecer e Morrer*<sup>24</sup>, Elias afirma que:

...a experiência das pessoas que envelhecem não podem ser entendida a menos que percebamos que o processo de envelhecer produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros.

---

<sup>23</sup> Em artigo intitulado “Os idosos e as instituições asilares do município de Campinas.” – 2002.

<sup>24</sup> *Envelhecer e Morrer*: alguns problemas sociológicos. Texto de uma conferência apresentada em um congresso médico em Bad Salzufen em outubro de 1983.

O envelhecimento populacional não pode ser entendido puro e simplesmente por fatores externos ao indivíduo, a confluência de especificidades de cada população e das medidas tomadas por seus governantes também deve ser levada em questão quando aspectos culturais são modificados.

Historicamente, as sociedades constroem modelos de discriminação e exclusão, alimentados por sistemas de valores fundados sobre a estigmatização de determinados segmentos do grupo social, ao mesmo tempo em que fornece os paradigmas as serem seguidos e prestigiados pelos membros da comunidade.

Entendemos que a velhice com todo o seu aparato legal, institucional e acadêmico, tem sido um “lugar” de medo, e que vem significando uma fase complexa da vida. Mas não estamos falando da velhice de chegar aos 60 anos, estamos querendo falar da velhice atual, a que estamos projetando, a que está por vir. A velhice estudada e analisada, a que mete medo em alguns dos entrevistados do próximo capítulo, a amada, por outros e principalmente, estamos falando da velhice que ainda não existe enquanto fato, mas que já é real enquanto projeção.

Após termos ciência da possível trajetória da população até alcançar a velhice, de algumas transformações sociais e interesses acadêmicos, decorrentes da mudança etária na sociedade, veremos de que forma os discursos se alinham com a realidade, pois em meio as respostas dadas por pessoas simples, comuns, mas que viveram e vivem de forma intensa as mudanças comportamentais na sociedade concernente a velhice, analisaremos as formas pelas quais essas ditas “velhice vivida” e “velhice projetada” vão se manifestar nos discursos deles. As relações de auto-aceitação, medo do desconhecido e significação da velhice serão analisadas a partir da fala de pessoas com idades, credos e sexos diferentes, mas que tem em comum o fato de residirem na mesma espacialidade – que seja o bairro da Liberdade.

## A VELHICE IMAGINADA E A VELHICE VIVENCIADA

Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto, que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.

Guimarães Rosa – “Grandes Sertão: Veredas”

A História leva a tudo, com a condição de se entrar nela. (Le Goff)

A convergência da historiografia atual sugere uma nova configuração, uma nova forma de questionar a realidade, tomando como base temas do domínio da cultura e salientando o papel das representações e, como expressão do pensamento, elas se manifestam por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.

Nesse sentido vemos que o idoso é um ator não mais ausente do conjunto de discursos produzidos. Ele se faz presente no debate sobre políticas públicas nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais, na definição de novos mercados de consumo, em novas formas de lazer e em novas maneiras de planejar o futuro. Vemos também que em meio a essa soma de discursos a um certo silenciamento velado, que esconde (ou explicita) medos e insatisfações no que concerne a imagem da velhice.

O segundo capítulo deste trabalho foi realizado a partir de entrevistas, que tem por objetivo entender, a partir de diferentes perspectivas as representações que a velhice recebe em meio as respostas dos entrevistados. No início deste, fazer uso de entrevistas foi temido por nós, uma vez que dissertar sobre envelhecimento, analisar pesquisas, dados, fontes, tudo que leve a conclusões sistemáticas não é fácil e, principalmente, quando vamos falar de sentimentos. É evidente que os entrevistados falam o que sentem, mas, também falam o que “desejam” sentir. Eles, assim como nós, mostram o que querem que seja percebido e sentido, num misto de projeções e sentimentos.

A pesquisa de Andréa Grace<sup>25</sup>, pesquisadora do programa do qual fazemos parte, nos sensibilizou, uma vez que ela trabalha com a velhice representada por algumas músicas, tocando assim de forma mais forte os sentidos, uma vez que a música é capaz de nos fazer reviver alguns momentos marcantes de nossas vidas. Mas, é quando ela fala das ausências que muitas pessoas dizem sentir na velhice que focamos nossa atenção. Essas ausências que como ela explicita na sua pesquisa, são acontecimentos, pessoas ou atos que não podem mais voltar atrás, fazer parte novamente das suas vidas, foi o que nos provocou curiosidade e a partir daí, iniciamos nossas entrevistas tendo a questão das ausências e desejos como foco da conversa.

### **Envelhecer não é está sozinho**

Em, “A Solidão dos Moribundos”<sup>26</sup>, Elias faz uma importante observação que é também denunciada em artigo de Agra do Ó<sup>27</sup>: no meio social atual há um silenciamento a cerca das tensões emocionais causadas pelo mal-estar que a velhice causa nos indivíduos.

Conhecendo de perto a realidade da vida de muitos idosos em fase de fragilidade, tememos pelo que poderíamos ouvir, compartilhar e sentir no andamento das conversas, pois “o recalçamento da idéia de morte anda de mãos dadas com problemas sociais”, de acordo com Elias (2001). E era essa idéia de finitude que tínhamos ter que ouvir repetidamente dos entrevistados. Todavia, fomos surpreendidos com a complexidade de respostas, angústias e desejos presentes nas entrevistas, elas nos trouxeram a percepção da diversidade de compreensões que os indivíduos possuem sobre si mesmas e sobre os outros na velhice, a nossa própria concepção foi reformulada (e sempre estará aberta a transformações).

---

<sup>25</sup> Trabalho monográfico realizado em 2007.

<sup>26</sup> ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de “Envelhecer e Morrer”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

<sup>27</sup> AGRA DO Ó, Alarcon. **Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.389-400, 2008.

Muitas visões sobre o que é velhice surgem no cenário atual, algumas pessoas a colocam como fato psicológico, outras como biológico. Para o entrevistado W1, a velhice pode ser entendida além da idade cronológica, seriam atitudes que cada um toma em relação a si próprio e ao outro, para ele

... você pode ser velho a partir dos trinta. Agora quanto à idade, fisicamente você agora ser dependente de outra pessoa, eu acho que sessenta, sessenta e cinco, dependendo da pessoa. Tem gente que é bem mais que isso e outros que são bem menos. Mas eu acho que velho pra dá uma datação... você que decidi, a partir do momento que você está velho. É claro que vai ter um momento que seu corpo vai dizer que você está velho a acabou, mas muita gente tenta quando completa cinqüenta anos, cinqüenta e poucos diz: ai estou velho, vou desistir de fazer as coisas, não consigo mais nada. Tem gente que diz que está muito velho pra tentar isso ou aquilo, como eu já tive exemplos essa semana mesmo. Pra mim você que decide a sua velhice, se você quer uma coisa e diz que está muito velho pra fazer ou ter isso, a partir desse momento pode se considerar um velho por que você acabou a sua credibilidade em você mesmo, então você mesmo está se declarando um... que você não tem mais o seu direito de escolha. Você está se excluindo das pessoas que podem agir normal sem depender de ninguém, você declara que a partir de agora depende do que o sistema lhe oferecer, que está muito velho pra tomar as próprias decisões, ter as próprias vontades. (W1)

Para W1 a velhice está diretamente ligada a decisões tomadas durante determinada etapa da vida, é a forma pela qual cada um resolve encarar o seu futuro, seria assim cada individuo culpado por sua possível decadência.

Em nossa sociedade contemporânea ocidental, as pessoas tendem a fugir da idéia de finitude, tornando-se, portanto, visível a dificuldade que elas apresentam de identificar-se com os velhos e moribundos. Desse modo, o afastamento da idéia de morte, da projeção da velhice, é uma tentativa de fugir da lembrança de nossa própria morte, a morte é empurrada para os bastidores da vida social. De acordo com Elias (op.cit.) “...a partida começa muito antes...muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem...a

fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola.”

Os sentimentos de solidão são delineados de forma multifacetada, como afirma Elias(op.cit.), “o conceito de solidão tem um amplo espectro” pode referir-se às pessoas que são deixadas sós, que são abandonadas, quando sentem-se sós em meio a outras pessoas para as quais não têm significado, quando ocultam seus sentimentos em relação aos outros, são formas de solidão que se configuram nas cartografias contemporâneas. Essas formas se presentificam nas configurações relacionais contemporâneas, mas a construção social da solidão não pode ser caracterizada enquanto um problema inusitado em nosso meio social, ela vem acompanhando a história do medo na humanidade.

Ao questionar o entrevistado W3, podemos notar que um desses medos a que nos referimos está ligado a questão da auto-aceitação.

F.P. – Você tem medo da velhice?

W3 – Morro de medo!

F.P. – Por quê?

W3 – Por que eu não me imagino assim...[fez sinal de negação com a cabeça] com a pele envelhecida, com o cabelo branco, acho muito bonito nos outros, mas assim em mim... eu não me imagino de forma alguma. Tanto que minha vontade é morrer com cinquenta anos.

F.P. – Você já parou em algum momento pra tentar imaginar como seria seu corpo com oitenta anos?

W3 – Não quero nem imaginar [riso]! Nem imaginar!

F.P. – Você faria alguma plástica, ou alguma coisa pra mudar sua aparência?

W3 – Com certeza!

F.P. – Você acha que fazendo uma plástica, ou uma cirurgia você estaria enganando o tempo ou melhorando a sua aparência e seu estado de espírito?

W3 – Não, melhorando a aparência apenas, que é minha principal preocupação na minha velhice, é só aparência, que em termos de idade assim, sabedoria quanto mais, melhor.

O entrevistado W3 se preocupa com a aparência física que a velhice o dará e fala que quer morrer antes que a velhice o alcance. Ele representa uma parcela considerável da população brasileira que recorre a “medicalização da beleza” para retardar os sinais da velhice no corpo, como forma de atenuar nos olhos das outras pessoas e dos seus também, a forte realidade que, as pessoas envelhecem, e morrem.

Essa recusa incessante pelo desconhecido futuro, que para ele (W3) é representado por debilidades e “feiúras”, é tão forte que a morte parece mais atraente. Ao mesmo tempo ele reconhece que,

... tem muitas pessoas mais velhas que eu sei que se exercitam, fazem *yoga*, coisas que eu nunca fiz na vida, que tão ai na ativa. Meu avô mesmo é exemplo disso, de que mesmo aposentado não gosta de ficar parado, quer sempre estar trabalhando, minha avó do mesmo jeito, então... são esses os exemplos que tenho em casa e é esse o exemplo que eu quero seguir. Mas hoje em dia a velhice não impede a pessoa de nada, praticamente nada, a não ser que seja um problema de saúde, mas fora isso. (W3)

As certezas se confundem com os medos, as dúvidas... “ser velho é ruim, mas eu admiro alguns idosos que conheço”, é a dicotomia que perturba a maioria das pessoas e que circula na mente do entrevistado W3. Vida longa, é o desejo de muitas pessoas, mas envelhecer... não! O corpo não pode espelhar os sinais do tempo, é como uma dor, pois o reflexo da incapacidade diante da falibilidade do corpo nos traz a possibilidade da morte eminente.

F.P. – E imaginar você com rugas, sem cabelo?

W3 – Não me imagino! Isso já foi respondido[fez sinais de irritação]! De forma alguma! Eu me imagino assim... meu cabelo começar a ficar claro, branco, eu usar tinta pra escurecer. Não vejo a minha pele, não sei se pelo fato de ver minha bisavó já ter mais de

oitenta anos e mal tem rugas, eu me imagino assim também na idade dela. E na medida em que for assim... caindo alguma coisa eu vou levantando não é, como diz o ditado.

Essas novas formas de gestão da velhice estão muito ligadas ao mundo capitalista, ao mundo do consumo, que reelabora as concepções de corpo, de poder sobre os sinais do tempo, de velhice e de relação com o outro. Como mostra Debert (op.cit.), ao citar Featherstone, que a cultura do consumidor pretende-se a uma

... concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deteriorização e a decadência (aplaudida pela burocracia estatal, que procura reduzir os custos com a saúde educando o público para evitar a negligência corporal) e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo do prazer e da auto-preservação. (2002)

Ser idoso é comumente associado à possuir doenças, falibilidades, apesar dessa impressão não ser correta, pois mais de 80% dos idosos em nosso país tem sua autonomia e independência preservados.

... se eu chegar a parar de trabalhar vai ser a agonia maior da minha vida. Se chegar o dia de eu parar, Deus é quem sabe, eu não vou fazer nenhum besteira comigo, mas Deus me livre e guarde, por que triste da pessoa que faz alguma besteira com suas próprias mãos. Eu não tenho vontade de parar. (W5)

A citação acima foi retirada da entrevista com W5, um senhor de 70 anos, que, apesar de já ter alcançado uma faixa etária elevada ainda sustenta boa parte da família com seu trabalho de mecânico. Sua condição física contradiz o esperado corporalmente para pessoas com mais de 60 anos e sua lucidez mental reafirma a diversidade de velhices existentes atualmente. Para ele a morte é

... uma coisa certa na vida, como um prêmio. A morte chega você nem espera. Mas eu não tenho medo não, eu sei que eu não sou de ferro, não sou melhor do que os outros. O povo diz e a gente vê nas escrituras que não existe morte, existe sim uma transformação de uma vida para outra e eu a qualquer momento

quando Deus me chamar estou pronto pra ir não é. Não vou dizer: não, eu não vou hoje não...[risos] Tem que ir e pronto, acabou-se. (W5)

O medo de envelhecer só é justificado pela necessidade que muitos idosos possuem para realizar algumas atividades, as pessoas temem não ter a quem recorrer caso necessitem e mais uma vez “a morte solitária” ronda o pensamento de quem teme a solidão. E em contra partida pessoas que já chegaram a velhice encaram a temida solidão de outras formas.

As pesquisas Silva<sup>28</sup> nos dão uma possível alternativa a solidão na velhice, uma vez que ela analisou a vida das avós cuidadoras de netos, atitude denominada por ela de avoternagem, onde a mesma afirma que esse cuidar, criar, educar, é mais que uma forma de ajudar os netos, é também uma forma de “abafar” um pouco sua solidão. Seria uma via de mão de dupla, onde a criança é o consolo para esta solidão e ao mesmo tempo também é presenteada com esses cuidados, uma vez que seus pais não exercem o seu papel social indicado pelo Estado, de cuidar e educar.

Os homens também, segundo as pesquisas de Henrique de Oliveira<sup>29</sup>, são cuidadores de filhos e netos. Ele desenvolveu uma pesquisa onde mostra que os homens também cuidam dos filhos sem a presença das mulheres, denunciando que a sociedade atual tem se transformado de acordo com as necessidades latentes e que os homens, sejam eles idosos ou não, são capazes de amar, cuidar e educar crianças da mesma forma que se espera que só as mulheres saibam, ele vem quebrar a teoria do amor materno inato. E dessa forma as burlas a solidão temida, não só na velhice, com afirma um dos entrevistados, “eu tenho medo até de ser um jovem sozinho, quanto mais um idoso sozinho”(W1),vão surgindo de forma mais evidente nas teias relacionais intergeracionais.

Como forma de driblar a solidão na velhice foram criados pelo Estado e também pela comunidade, espaços de sociabilidades entre as pessoas idosas, e no seu artigo

---

<sup>28</sup> SILVA, Keila Queiroz e. **Os Corpos Enrugados e meus “outros” espelhos etários**. Tese de Doutorado em Sociologia, 2008.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Henrique Felipe Cavalcante de. “Identidades num caleidoscópio: Representações da velhice masculina. Monografia – 2007.

“Lazer nos Grupos de Convivência para a Terceira Idosos: uma experiência de sociabilidade”, que segundo Benedita Cabral (1997),

... as primeiras experiências de que se tem notícia de grupos para idosos, aconteceram em países do Continente Europeu, expandindo-se rapidamente para outros países. Essa foi, possivelmente, a primeira concepção mais aberta de se atender a população longeva, criando-lhes oportunidades de retorno e à participação comunitária.

De acordo com Debert (1999:), os clubes atraem seus participantes pela proposta da ocupação do tempo livre com atividades de lazer, em diferentes campos de interesse, como por exemplo, cultural, intelectual, físico, manual e artístico. No Brasil, esse serviço foi implantado pioneiramente na cidade de São Paulo, nos anos 60, pelo Serviço Social do Comércio – SESC -, e expandiu-se rapidamente nos anos seguintes.

Para Salgado (1982), a expansão dos Clubes ou Centros de Convivência para idosos, que representa um estímulo à vida social, pode significar também o ponto de partida para outras conquistas, com resultados benéficos aos participantes e à comunidade em geral, na medida em que venham atuar em programas mais amplos voltados para setores necessitados das comunidades. Para o autor, a ação dos clubes de idosos deve levar em consideração dois pontos básicos: estímulo à participação sócio-cultural na comunidade e estruturação de pequenos serviços de auxílio e assistência.

Esses grupos, surgidos em meio às necessidades da sociedade que apresenta numerosa quantidade de sujeitos aposentados, ou que não se encaixam mais nas atividades cotidianas dos seus familiares, nos mostra mais uma vez que essa demanda populacional procura um espaço diferenciado, pois a solidão, presente em muitas realidades entre idosos, pode ser amenizada nesses espaços.

Respondendo alguns dos nossos questionamentos, a entrevistada W2 nos mostra diferentes concepções sobre a velhice e a solidão.

F.P. - Para você o que é ser velho?

W2 – Desde pequena a gente aprende que na vida você nasce, cresce, envelhece e morre não é? Ai, quando pequena e até tomar consciência de algumas coisas eu pensei que era a última etapa da sua vida e hoje em dia eu vejo que pode ser uma escolha também da pessoa se entregar a chamada velhice, que realmente pode ser o fim da vida, ou até um estilo de vida, por que tem gente que é velho e tem dezoito anos, vinte anos. E é até um jeito de falar: “parece um velho”. É uma ideologia, quando você diz velho já liga a coisa ruim.

F.P.- Você tem medo da velhice?

W2 – Não. Até quando vejo algumas velhinhas andando assim no meio da rua, engraçadas, legais, ai... fico imaginando eu e minhas amigas passeando assim com os netos, eu admiro muito pessoas mais velhas e sempre quando paro pra conversar com elas eu consigo ver as sabedorias, coisas que eles guardam muito mais do que a gente. Não sei se quando eu chegar lá eu vou ter tanta memória quanto eles tem [riso].

A entrevistada W2 se refere a velhice como uma ideologia, ligada a um estereotipo comportamental negativo, que leva muitas vezes ao preconceito, já que a velhice, para ela, é uma questão de escolhas. Quando ela afirma não ter medo de chegar a velhice, ela o faz baseado numa visão idealizada, onde as pessoas velhas seriam as “guardiãs” da memória, sempre de bom humor, dotadas de sabedoria.

Guita Debert<sup>30</sup> afirma que a forma pela qual a vida em sociedade é periodizada e categorizada é resultado das formas relacionais pelas quais cada comunidade desenvolve seu modo de viver e conviver com suas realidades. Ela afirma que a velhice não se constitui em uma categoria natural, uma vez que as categorias de idade são construídas histórica e socialmente, conceituando também as idades cronológicas e geracionais.

Na continuação da entrevista, W3 vai nos revelando alguns dos seus medos com relação as debilidades corporais.

---

<sup>30</sup> Guita Grin Debert. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou Terceira Idade**. São Paulo: FGV, 2003.

F.P. – E quando você vê uma pessoa idosa que não consegue mais andar, que está debilitada em cima de uma cama e na maioria das vezes em depressão, o que você pensa da sua velhice, do seu futuro?

W2 – Quando eu vejo uma cena dessas me dá uma completa sensação de impotência. De você não saber como a sua vida vai ser. Eu não sei, eu tenho alguns planos, pretendo ter uma boa velhice, viver bem. Realmente eu não sei como vai ser, espero que seja boa. Quando eu vejo uma cena dessa aí eu me preocupo, fico com medo, mas nunca em relação a mim, eu fico sempre revoltada com a sociedade, com a saúde pública, alguma coisa assim, que podia tá cuidando deles melhor.

F.P. – Você acha que ter uma velhice sadia ou bem sucedida depende da própria pessoa ou depende do Estado?

W2 – Dos dois. Essa pergunta é bem difícil [riso]. Depende dos dois. Imagina: uma pessoa que sempre foi rica teve condições de ao menos se alimentar direito, a saúde dela quando ela ficar velha vai ser bem melhor. E quem já nasceu pobre e não teve nem o direito de comer, sem direito de estudar pra num futuro poder ter um dinheiro e poder se alimentar bem sabe? Tudo é uma escala, se você não tem condições na infância, provavelmente aquilo... se a vida não te levar por outros rumos, a vida não é tão fácil. Eu dou 70% da culpa ao Estado.

Acreditamos que não existe um culpado pela debilidade das pessoas na velhice, mas, assim como a entrevistada W2, também cremos que o Estado pode fornecer meios que melhorem a qualidade de vida do idoso. Quando ela admite se preocupar com o futuro, não o dela, mas o da sociedade, ela esquece que também faz parte da sociedade e não só a saúde pública pode cuidar melhor dos idosos, cada um é também responsável por sua manutenção.

F.P. – Você tem medo de ficar sozinha na velhice?

W2 – Muito, muito, muito [emoção]. Eu acho que isso nunca vai acontecer, por que eu vou me meter em algum lugar, mas eu tenho medo, odeio solidão... odeio, odeio[balançava a cabeça fazendo sinais de desaprovação]!

O medo da solidão na velhice nos parece um mal que assola a maioria das pessoas, tanto a entrevistada W2, como o entrevistado W1 se mostraram bastante

preocupados com relação a isso. O entrevistado W1, como já citado, afirma ter medo da solidão na juventude, perder suas ligações sociais, não possuir “pares” para desenvolver relações sentimentais e de convivialidade tem sido um dos maiores temores da sociedade atual.

Durante a entrevista realizada com W1, ele se mostrou totalmente contrário a institucionalização de idosos, essa é uma opinião bastante comum entre pessoas que convivem com parentes ou amigos idosos.

Pra mim asilo é como se fosse um hospício. O hospício é um lugar pra você colocar doido, aquelas pessoas que você quer a margem da sociedade, pra mim os asilos são a mesma coisa. Por que um idoso tem família, e mesmo não tendo eles são jogados pra lá, a margem da sociedade. É como se você tivesse marginalizando uma faixa etária. É horrível, ninguém merece ir pra um asilo, é como morrer antes da hora. (W1)

W1, o entrevistado mais novo, nos mostra como ele entende as questões do cuidado de si e do próximo na velhice, nesse caso o próximo se configura nos pais dele.

F.P. – Você acha que quando um idoso fica debilitado o Estado é culpado também, ou a pessoa é culpada por está debilitado naquela idade?

W1 – Eu acho que a pessoa tem mais culpa do que o Estado. Por que cada um enquanto está vivo... não, na juventude, pode cuidar do seu corpo, você teve exemplos de idosos e você podia decidir como ia ser a sua terceira idade da maneira que você quer. Se hoje eu cuido do meu corpo eu sei que no futuro eu não vou estar tão debilitado. Se hoje eu trabalho pra ter alguma coisa pra mim. Eu posso até ficar só por que pessoas você não compra pra ficar perto de você. Mas se você trabalhar hoje você vai ter o que no futuro quer. Então é mais culpa de você mesmo. Agora como tem pessoas, que não tem esse mesmo pensamento, às vezes eu acho que o Estado realmente tem um desleixo, joga pra lá. A gente vê isso até pelos asilos, que são muito carentes, ao menos os daqui. Eles são muito carentes, eu acho que o Estado joga pra lá mesmo, não cuida. É como se fosse uma parte inútil da sociedade. É um motorista de ônibus que não para pra ele, depois de idoso você não conta mais, parece que não serve mais pra sociedade. Mas pra mim a

culpa é mais de cada um, a culpa é sua, por que você que decide como vai ser quando você for idoso.

F.P. – Você cuidaria dos seus pais idosos?

W1 – Com certeza, dos meus pais com certeza!

Na concepção do entrevistado acima “a culpa é mais de cada um”, e ele tem razão, por que cada é responsável pela forma relacional em que convive com a velhice, e será essa relação que trará conseqüências para a velhice futura de cada individuo. Se um motorista de ônibus não pára no momento em que um idoso está sozinho no ponto de ônibus e nenhuma das pessoas que estão dentro dele não se manifesta, elas também são culpadas por se omitirem e aumentarem a rede de silenciamento em torno dos maus tratos aos idosos. Esse fenômeno que chama a atenção de diversos setores da sociedade e nos faz refletir sobre a responsabilidade do poder público em providenciar melhorias para viabilizar a vida dessas pessoas que são idosas.

Ao questionarmos alguns dos entrevistados (W1, W2, e W3) sobre seus planos para o futuro, entramos na questão da multiplicidade de anseios, pois, enquanto algumas pessoas só desejam “descansar”, sem mesmo saber de que, outras querem estabilidade financeira, ou mesmo, constituir uma família, casando-se e tendo filhos.

Meu maior sonho é construir uma empresa, pelo fato de eu ser um administrador, que ofereça serviços de *biffet*, de festas, de fotografia, de vestimentas. Tudo em um único local, coisa que eu não encontro aqui em Campina. A longo prazo seria isso. E a curto prazo... tudo que eu tenho sonhado, graças a Deus, tem se realizado. Meu diploma agora não é[risos]?(W3)

Eu quero quando chegar a ser idoso ter alguma coisa minha, pra não precisar de ninguém, quando eu for idoso eu quero só curtir o que eu trabalhei a vida toda. Quero ganhar muito dinheiro pra só descansar...(W1)

A análise dos trechos acima citados é de extrema importância para que se entenda em números reais como a estrutura etária do país tem mudado e o que isso acarreta para a sociedade, que a partir de então necessita se (re) configurar de modo a

atender a necessidades dessa “nova população”. O país de jovens muda a sua estrutura demográfica com o aumento e a presença notável de pessoas na meia idade e que não fazem planos de ter filhos.

A multiplicidade de projeções para o futuro, contudo, fica bastante explícita em trechos de outra entrevista realizada com W2, uma jovem de 26 anos, que afirma desejar sim constituir uma família, mesmo em meio aos desencantamentos das relações amorosas atuais, ao mundo dos laços frouxos, aos modos de Balman, e chega a temer não realizar alguns sonhos para poder concretizar esse: “depende de como a outra pessoa (espero está casada!) olhe e diga: ah! você está bem assim!(W2)”

...meu maior medo é não conseguir fazer nada, é correr pra outro lado totalmente diferente por medo, por querer ganhar dinheiro, essas coisas. Por ter que alimentar uma família e não poder realizar umas coisas que eu quero mesmo, é difícil.(W2)

A opinião da entrevistada W2, com relação as obrigações dela com seus pais vem a concordar com as do entrevistado W1, que também afirma que cuidar dos idosos da família é uma obrigação. Mas nós só saberemos até onde isso se tornará uma realidade na vida deles daqui a alguns anos, quando os familiares deles estiverem mais velhos e o discurso terá que se transformar em prática.

“... acho isso totalmente real, por que uma tia minha cuidou da minha avó até a morte. Meu outro avô, foi um tio meu quem cuidou. Então é muito real e eu acho que eu tenho responsabilidade com a minha mãe e meu pai. Família é isso. Se você não tiver uma responsabilidade com aquelas pessoas isso demonstra total egoísmo e “caramba”...[silêncio] (W2)

Nesse sentido também podemos perceber que esse cuidar do próximo não ocorre apenas na relação pais e filhos, ocorre também nas relações sentimentais/ conjugais, entre marido e mulher. Notamos isso no trecho abaixo, da entrevista com W5.

F.P. – O senhor acha a sua mulher bonita?

W5 – Minha mulher? Acho bonita, uma maravilha! Hoje está velha, mas já foi novinha, foi bonitinha, foi bem feitinha, mas hoje está mais velha. Do mesmo jeito era eu quando era mais novo e hoje eu acho ela, pra mim bonita, uma maravilha.

F.P. – O senhor gostaria que ela mudasse alguma coisa nela?

W5 – Não. De jeito nenhum, só mente que ela continue fazendo o que faz, a física<sup>31</sup> dela, pra ela não ficar uma mulher defeituosa, por que a gente tem que se cuidar, do corpo da gente tem que ter cuidado. Ela graças a Deus, nunca foi mulher de luxo de pintura. Nunca foi mulher pra me exigir nada. Às vezes eu até tenho assim... uma certa vergonha por que eu penso assim: essa mulher nunca me pediu nada e ainda hoje ela vive trabalhando, é ela que toma conta da casa e eu nunca tive condições de dá uma coisinha diferente a ela. Espero que nós só nos apartemos por morte. Eu com ela só me aparto por morte!

O que mais despertou nossa atenção foi à forma como ele enxerga a beleza da esposa. Mesmo sem ter tido acesso a escolarização e seus “projetos de compreensão”, ele mostra (ao menos na entrevista) que entende e aceita bem as transformações que o tempo e a vida (e ela mesma) fizeram na sua esposa. O modo pelo qual as formas corporais não parecem ter tamanha importância, se levamos em consideração outros entrevistados que não conseguem nem se imaginar mais velhos.

Para Debert(op.cit.), a expectativa de que a boa aparência será sempre igual ao bem-estar, onde quem preserva seu corpo com dietas, exercícios ou outros cuidados vivem mais, faz com que cada dia mais indivíduos desenvolva uma boa quantidade do que ela denomina de “hedonismo calculado”, o que encoraja a autovigilância da saúde corporal e da boa aparência.

Com a entrevistada W4, que tem 69 anos de idade, as questões referentes a beleza e ao corpo dela, como também do marido são bastante diferentes da forma de compreensão que os entrevistado mais jovens (W1, W2 e W3) possuem. Para ela a beleza está nas questões sentimentais, seus padrões de beleza não segue nesse momento da sua vida, nenhum padrão pré-estabelecido de perfeição física.

---

<sup>31</sup> O entrevistado está se referindo ao costume que a esposa tem de se exercitar em uma bicicleta ergométrica que fica na sala de estar da família.

W4 – Você sabe que nunca gostei de espelho?

F.P. – Por quê?

W4 – Nunca achei graça em espelho pra ficar me olhando. Olho às vezes quando boto um vestido, uma coisa ou outra. Tem esse grande ai, mas as meninas que usam, eu passo, mas não olho muito não. Nunca me achei bonita não, logo meus dentes eram muito feios, meus olhos não puxaram a meu pai, que tinha os olhos azul da cor de anil. Ai meus dentes eram muito largos, os quatro dentes da frente, além de largo eles eram um em cima do outro, ai furou-se em dois cantos. Eu tirei. Antes de casar eu tirei, mas era muito feio, eu não ria pra ninguém. Só ria tampando a boca me virava pra não olhar nos olhos do povo...

F.P. – Hoje em dia a senhora usa prótese. A senhora gosta de usar?

W4 – Gosto por que a gente se ri pra alguma pessoa tem certeza que ele não vai ri da sua cara, e você tem certeza que não está aparecendo apenas dois dentes superiores.

E sobre o corpo do marido:

F.P. – E esses anos todos que a senhora está vivendo com seu marido, o corpo dele mudou muito?

W4 – Não, ele já foi bem gordão, agora com essa bicicleta em casa ele malha...

F.P. – Mas está bom?

W4- Tá, só ta parecendo com Frei Damião mas [risos]...

F.P. – Por que [risos]?

W4 – Por que Frei Damião não andava abaixadinho assim não era [a entrevistada andou pelo quarto com a cabeça baixa imitando Frei Damião]? De vez em quando eu digo: lá vem Frei Damião [risos]. Não, ele tá bem, grossura e tudo.

F.P. – E ele careca, a senhora se importa com isso?

W4 – Gosto! Muito, ele é um gatão [risos].

Para a entrevistada a beleza do marido está além dos padrões midiáticos, está ligada a sentimentalidade e ao relacionamento em que ela e o marido estão envolvidos. A velhice para ela é ligada a moldes e formas, onde representa feiúra ver pessoas com a mesma idade que ela mostrando o corpo. Até mesmo o fato dos cabelos dela embranquecerem não é significativo de forma que a incomode, como veremos nos trechos a baixo, mas, como ela fala, incomoda as filhas, que não aceitam a figura envelhecida que vem quando a mãe está com os cabelos brancos, é o que Elias chama de medo da representação da morte que a debilidade trás.

F.P. – A senhora gosta do seu cabelo branco?

W4 – Gosto. Pinto, as meninas... Graça<sup>32</sup>! Compra tinta, pinta, mas eu, eu não gosto não. Por que se fosse pra pintar pra ficar por toda vida a cor. Quando dou fé está tudo branco. É Deus quem faz isso, essa transformação na minha vida, assim: deu-me cabelo preto, depois passou pro cabelo branco, foi Deus, então, eu não quero mais que ninguém pinte meu cabelo, eu gosto muito dele branco, mas as meninas sempre querem que eu pinte.

F.P.- Sobre suas roupas, a senhora não gosta de usar roupa apertada, só gosta de roupa folgada, por que?

W4 – Não, eu não gosto de... Eu já estou dessa idade, não gosto de roupa curta, não gosto não. Tem que ser no meio da batata da perna a roupa. Por que ai fica certo. Nem gosto de roupa sem manga, nem roupa decotada, gosto não! Nem... roupa apertada nem roupa muito larga, por que eu já sou baixinha, gordinha... com a roupa larga, ai fica uma bola [risos].

F.P. – E o sutiã?

W4 – Ah não, sutiã eu não gosto não, eu queria matar quem inventou sutiã. Aperta demais, aperta demais as alças do sutiã. Tem gente que tem dois buracos do sutiã, uma aqui [apontando pro lado direito dela] e o outro aqui [apontando pro lado esquerdo dela], do sutiã tão apertado. Eu uso assim, pra ir pra feira, pra ir pra rua, pra ir numa padaria. Meu marido diz: vai do jeito que tu está! Não senhor, muito feio, eu vejo os

---

<sup>32</sup> Maria das Graças é a 3º filha da entrevistada, que vai freqüente diariamente a casa da mãe a ajuda com serviços domésticos.

outros passar sem sutiã eu acho feio [riso]. Também quando eu chego é chegando e jogando pra lá. Deus me livre, não! Tem que ser uma pessoa bem vestida assim: uma blusa de manga e uma saia ou uma bermuda bem no meio da batata da perna, o decote escondendo os peitos, por que eu conheço gente que mostra [risos]. Não!

“Vergonha dos outros”. Mesmo afirmando não se importar com seu corpo hoje, a entrevistada assume em alguns trechos o quanto se sentia envergonhada por não possuir “os olhos azuis do pai, de ter os dentes da frente muito grandes” e depois de perdê-los ainda muito jovem e não ter coragem de rir em público, pois acreditava que todos iriam rir dele. De todas as formas, em todos os períodos estudados, com todas as gerações envolvidas, o olhar do outro é quem aprisiona e liberta as nossas ações.

Se pensar na velhice nos remete muitas vezes a solidão, nos remete também, a partir de agora a novas configurações familiares, a novos espaços dentro da sociedade, a mobilidade de sentimentos e papéis dentro das relações, contudo, creio que o que mais assusta as pessoas ao pensar na velhice se relaciona ao corpo.

Teme-se não só as debilidades físicas e as necessidades novas que terão que ser atendidas. O medo maior está na questão da beleza, no que o olhar que o outro terá, no aprisionamento que a cultura da beleza, do efêmero pede. A auto-imagem - o modo como as pessoas se vêem, se percebem - do ser humano que vive nas modernas sociedades não inclui a idéia do envelhecimento e da morte.

É possível notar nas entrevistas que as pessoas que ainda não chegaram a velhice falam com receio do futuro incerto, falam baseados no que vem hoje, na falta de respeito que o entrevistado W1 afirma ver nos motoristas de ônibus, no medo de se imaginar com rugas que o entrevistado W3 repete constantemente e, de forma mais dolorosa (se é que se pode medir a dor alheia) no medo de não conseguir realizar os planos para o futuro que a entrevistada W2 fala melancolicamente.

Os entrevistado mais velhos (W4 e W5), ao contrário dos outros três, já chegaram à velhice e mostram nas suas respostas não sentirem saudade dos tempos da mocidade, por que a vida que têm hoje não é punitiva, não é incomoda, não é nostálgica, não é vergonhosa, não reflete apenas cansaço, como é o medo do entrevistado W1. É uma vida comum, cheia de especificidades referentes a sua idade, e o medo que os mais jovens tem de chegar a velhice eles não tiveram, por que quando eram jovens não se

discutia esse assunto, então as projeções não existiram, eles apenas viveram, sem temer as mudanças e continuidades que poderiam (e ainda podem) ocorrer em suas vidas.

A naturalização da velhice é, portanto o centro dessa pesquisa, uma vez que afirmamos em meio a entrevistas, trechos de artigos e livros a complexidade que há em se projetar velho, bem como a multiplicidade plástica de ser velho. No momento em que a humanidade caminha para a busca da “beleza eterna”, por meio de novas tecnologias que prolonguem a juventude (sinônimo de beleza), encontramos pessoas que não se chateiam com o nascimento dos cabelos brancos, que amam a “nova” aparência da pessoa amada, mesmo sem cabelos. E vemos que a velhice é uma fase da vida que não cabe generalizações, ela é diferente para cada pessoa e é vivenciada de acordo com a concepção que cada um tem dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento é um processo natural, universal, irreversível e individual. Para cada caso, há uma nova forma de sentir, imaginar e viver esse momento. O auto-conhecimento e a aceitação são imprescindíveis a essa fase da vida. Cada um deve saber o que é melhor no cuidado de si. É necessário estar atento à nova realidade dos idosos e entender que uma velhice ativa é comum, mas que não podemos condenar os idosos que optam por envelhecer de formas diferentes, seja desacelerando seus hábitos, ou buscando alternativas para continuarem ativos, eles têm direito de escolher o tipo de vida que vão levar e a sociedade(nós!) “precisa aceitar os novos modos de envelhecer, pois eles refletem a imagem de um espelho. Porque é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertenças mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os liberta”, de acordo com Malouf (1998).

Durante as entrevistas a primeira e mais contundente constatação que pude fazer é que a construção de uma identidade perpassa também por uma (des)construção de um corpo socialmente aceitável, não importando a idade. E essa aceitação pode vir muitas vezes da visão dos familiares, da pessoa amada, ou mesmo de um único amigo que tenha grande importância na vida de quem busca se adequar.

Simone de Beauvoir (op.cit.) afirma com relação à velhice que, a sociedade estabelece uma série de clichês fundamentados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade, isto é, o idoso é descrito pelo outro e não por ele próprio. Entretanto, ela adverte que, ele é (...) *um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage*. Desse modo não há como conceber a velhice se não em uma pluralidade de experiências individuais e flexíveis, que impossibilita retê-la em um conceito ao investigá-la, deixando ao alcance das pessoas comuns ou pesquisadores somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras, e a tentativa de identificar as constantes e determinar as razões de suas diferenças.

Medos, sonhos, desejos. Após fazer essas entrevistas, ter contato com os entrevistados e ler mais uma vez o que os acadêmicos falam sobre a velhice, compreendemos que a relação entre as gerações será a responsável pela aceitação da velhice em cada um. Ela não é um fato total, não pode ser associada sempre a perda de autonomia, nem a um padrão comportamental fechado. Há uma plasticidade nas formas de gerir e imaginar a velhice, a fluidez e multiplicidade de estilos de vida que as pessoas levam nos fazem considerar que a velhice não é temida por todos, para alguns que já a alcançaram ela não assusta, não trás saudades da juventude, ela simplesmente é o agora, é o atual, precisa ser vivida.

Não há padrões a serem seguidos, não há o que seguir, assim como os estudos mostram que a sociedade contemporânea caminham para o envelhecimento em massa das suas populações, esses dados só se transformam em fatos no momento em que pessoas o fazem, são elas que completam essas transformações e também são elas – as pessoas – que dão sentido, significam esse processo, e para cada pessoa ele sempre irá ocorrer de forma diferente, atingindo corpos, sentimentos e relações, mas nunca estabelecendo normas.

Concluimos esse trabalho com pergunta final do livro de Debert: *como conciliar a reinvenção da velhice bem-sucedida com a facticidade do declínio biológico e do espectro terrificante do prelúdio da morte social?* E, pedimos licença a ela para coadunar com a sua alternativa: nosso papel é inventar a realidade, uma vez que as ficções estão dadas!



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família.** Trad. Dora Flakman. Editora Guanabara – Rio de Janeiro, 1981.

**Associação Nacional de Gerontologia - seção RJ**

<http://sites.uol.com.br/anj-rj/>

**BARROS, Myriam Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice.** *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. n.2, 1981.

\_\_\_\_\_. **Velhice ou Terceira Idade.** São Paulo: FGV, 2003.

**BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade.** In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida.* São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.

**BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Medo Líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

**BEAUVOIR, Simone. A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. **A velhice: realidade incômoda.** (2ª ed.). DIFEL, São Paulo, 1976.

**BOSI, Eclea. Memórias e sociedade: lembranças de velhos.** T. A. Queiroz, São Paulo, 1983.

**CABRAL, Benedita E. S. L. Família e Idosos no Nordeste Brasileiro.** In: MOTTA, Alda B. (org). Dossiê: Gênero e família, Caderno 29 CRH, Editora UFPA, p. 13 –149.

**Centro de Referência do Envelhecimento - SESC-RS**

<http://www.sesc-rs.com.br>

**Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas**

<http://www.cobap.hpg.com.br>

**CERTEAU, Michel de . A Operação Historigráfica. In: A Escrita da História. Rio de Janeiro: Universitaria, 1982.**

**CHARTIER, Roger. “Introdução – Por uma sociologia histórica das práticas culturais.” In: A História Cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL. p. 13-28.**

**DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999.**

**ELIAS, Nobert. A Solidão dos Moribundos, seguido de “Envelhecer e Morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.**

\_\_\_\_\_ **A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.**

**FUNARI, Pedro Paulo Abreu; BORGES, Vavy Pacheco; ALBERTI, Verena. Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.**

**GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. Trad. Raul Fisher. São Paulo, UNESP.**

**GROISMAN, Daniel. Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice .Cadernos Pagu (13) 1999: pp.161-190.**

\_\_\_\_\_. **A Infância do Asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da Virada do século. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva.**

**HADDAD, E. G. M. O direito à velhice: os aposentados e a previdência social. Ed. Cortez, São Paulo, 1993.**

**Movimento Nacional dos Servidores Públicos Aposentados e Pensionistas**

<http://www.mosap.org.br>

**NERI, Anita Liberalesso (org.). Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais.** Campinas: PAPIRUS, 2001.

\_\_\_\_\_ (org.). **Cuidar de Idosos no Contexto da Família: questões psicológicas e sociais.** Campinas: Alínea, 2002.

\_\_\_\_\_ (org.). **As Múltiplas Faces de Velhice no Brasil.** Campinas: Alínea, 2003.

**REIS, José Carlos.** História e Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

**SILVA, Keila Queiroz e.** **Os Corpos Enrugados e meus “outros” espelhos etários.** Tese de Doutorado em Sociologia, 2008.

**Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia**

**Erro! A referência de hiperlink não é**

**válida.** [www.parceria.nl/sociedade/Envelhecimento/at050307\\_envelhecer](http://www.parceria.nl/sociedade/Envelhecimento/at050307_envelhecer)

[www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento](http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento)

**VERAS, Renato Peixoto (org.). Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ/UNATI, 1999.